

HARUKI MURAKAMI

A PEREGRINAÇÃO
DO RAPAZ SEM COR

Tradução
Maria João Lourenço


casadasletras

1

No seu segundo ano de faculdade, entre julho e o mês de janeiro seguinte, Tsukuru Tazaki só pensava em morrer. Completara entretanto vinte anos, mas esse momento especial, que assinalava a entrada na idade adulta, nada significou para ele. Durante aqueles meses, pôr fim à própria vida pareceu-lhe a escolha mais natural, e até ao presente continuava a ignorar a razão por que não dera o passo decisivo. Cruzar o limite que separava a vida da morte teria sido fácil, naquela altura, mais fácil do que engolir um ovo cru. Se Tsukuru Tazaki não chegou ao ponto de cometer suicídio, foi talvez devido à sua manifesta incapacidade para visualizar um modo concreto de se matar, considerando a natureza pura e intensa dos sentimentos que o animavam em relação à morte. Naquele caso, porém, o método era um aspeto meramente secundário. Se existisse ao seu alcance uma porta que conduzisse à morte, não pensaria duas vezes em abri-la, como se, de certa forma, esse gesto representasse um prolongamento da vida de todos os dias. Mas, por sorte ou por azar, não havia nenhuma porta do género.

Tsukuru perguntava muitas vezes a si próprio se a morte dele não teria representado um bem maior. Dessa maneira, o mundo tal como se afigurava no presente não existiria. A ideia, com o seu quê de fascinante, seduzia-o. O mundo não

existiria, e a realidade, tal como ele a entendia, deixaria de ser real. Assim como ele não existiria para este mundo, o mundo não existiria para ele.

Ao mesmo tempo, Tsukuru não conseguia explicar o que o levava a caminhar tão próximo do precipício. Apesar de haver um motivo concreto – estava farto de o saber –, como se explicava que a morte detivesse sobre ele um poder tão grande, envolvendo-o no seu abraço durante quase meio ano? «Envolver», a palavra era essa, sem tirar nem pôr. Tal como Jonas no ventre da baleia, também Tsukuru caiu nas entranhas da morte e passou aqueles dias intermináveis perdido numa caverna obscura e estagnada.

Naquele período viveu como um sonâmbulo, ou como um cadáver que ainda não se tivesse dado conta de que estava morto. Quando amanhecia, acordava para a vida, lavava os dentes, vestia a primeira coisa à mão de semear, apanhava o comboio para a universidade e tomava apontamentos nas aulas. Apegava-se às suas rotinas, como uma pessoa durante uma tempestade se agarra desesperadamente a um poste de eletricidade. Não falava com ninguém, a não ser que fosse mesmo necessário, e depois das aulas regressava ao apartamento solitário, sentava-se no chão, encostado à parede, e ali se deixava ficar, a pensar na morte e nos falhanços da sua vida. Diante dele desenhava-se um abismo escuro e sombrio, que se abria em direção às profundezas da Terra. Tudo o que ele conseguia divisar era um vazio em espiral, uma nuvem espessa cheia de coisa nenhuma, chegando-lhe aos ouvidos um silêncio absoluto, que ameaçava romper os tímpanos.

Quando não pensava na morte, Tsukuru não pensava em nada. Até nem era tão complicado quanto isso. Não lia jornais, não ouvia música, não sentia qualquer desejo sexual. O que acontecia no mundo em redor não lhe importava

minimamente. Quando se fartava de estar fechado no quarto, saía de casa e ia dar uma volta pelo bairro, ou percorria a pé o caminho até à estação, sentava-se num banco e ali ficava tempos infinitos, a ver chegar e partir os comboios.

Todas as manhãs, tomava duche e esfregava muito bem a cabeça. Lavava a roupa na máquina duas vezes por semana. A limpeza era outro dos pilares a que se agarrava: lavar roupa, tomar banho, escovar os dentes. Quase não reparava no que comia. Almoçava na cantina da faculdade, mas, descontando isso, era raro ter uma refeição decente. Sempre que sentia fome, parava na mercearia da esquina e comprava maçãs ou alguns vegetais. Outra hipótese era pegar num pedaço de pão, metê-lo à boca e empurrar com leite, que bebia diretamente do pacote de cartão. À hora de se ir deitar, emborcava o seu copito de uísque, como se estivesse a tomar um remédio. Por sorte, não aguentava bem o álcool, e uma pequena dose bastava para cair nos braços de Morfeu. Nunca sonhava. E mesmo que isso acontecesse, os sonhos não encontravam nada a que se agarrar nos terrenos tortuosos da sua mente, não tardando a deslizar em direção ao vazio.

A explicação para o poderoso fascínio que a morte exercia sobre Tsukuru Tazaki era evidente. Certo dia, aqueles que conhecera desde sempre, como era o caso dos seus quatro melhores amigos, tinham-lhe feito saber que nunca mais queriam voltar a vê-lo nem falar com ele. Comunicaram-lhe esta decisão de modo repentino, sem apelo nem agravo. Basta dizer que não lhe deram explicações sobre tão cruel decisão, não trocaram sequer uma palavra com ele. E Tsukuru, pela parte que lhe tocava, não se atreveu a fazer perguntas.

Os cinco eram amigos desde o secundário. No entanto, uma vez que Tsukuru deixara a casa dos pais para ir estudar numa universidade de Tóquio, o facto de se saber banido do grupo não produziu logo à partida um efeito negativo na sua rotina diária. Pelo menos evitaria o embaraço de se cruzar com eles no meio da rua. Mas isso era uma questão de lãncaprina. A dor que ele sentiu aumentou, manda a verdade que se diga, ao ponto de se tornar dilacerante, precisamente por causa da distância física que os separava. A estranheza e a solidão converteram-se num cabo com várias centenas de quilómetros, esticado por um enorme cabrestante. E era através dessa linha tensa que Tsukuru recebia mensagens indecifráveis, dia e noite. Como o vento forte a soprar por entre as árvores, o ruído variava de intensidade, atingindo-o, volta e meia, em cheio nos ouvidos.

Os cinco, três rapazes e duas raparigas, frequentavam a mesma turma num estabelecimento de ensino público situado nos arredores de Nagoia. Durante as férias de verão do primeiro ano¹ colaboraram num programa de voluntariado e, a partir daí, ficaram amigos. Mesmo depois do primeiro ano, quando foram parar a diferentes turmas e cada um seguiu o seu caminho, continuaram a formar um grupo inseparável. Embora o trabalho de voluntariado fizesse parte das tarefas de verão da disciplina de estudos sociais, terminado o período escolar, optaram, enquanto grupo, por dar continuidade a essas atividades.

A partir daí, e além de se dedicarem em conjunto ao voluntariado, os cinco começaram a reunir-se nos feriados

¹ No Japão, as férias de verão não são consideradas as «férias grandes», uma vez que o ano escolar começa em abril. (N. da T.)

para fazer caminhadas, jogar ténis ou dar um mergulho nas praias junto à península de Chita. De vez em quando juntavam-se em casa de um deles, a fim de estudarem para os exames, ou então limitavam-se a ir até qualquer lado e ficavam à conversa. Não se podia dizer que tivessem um tema predefinido para discutir, mas nunca lhes faltava assunto.

Tinham-se cruzado os cinco por obra e graça do destino. Naquelas atividades de voluntariado, uma das várias modalidades consistia em dar aulas suplementares aos jovens da primária que não conseguiam acompanhar o ritmo imposto pelos professores (muitos deles recusavam-se simplesmente a ir às aulas). O programa era dirigido pela comunidade católica e, de entre os trinta e cinco alunos que integravam a turma, foram eles os únicos a escolher esse programa. Passaram três dias juntos num acampamento de verão organizado às portas de Nagoia, aproveitando para criar laços de amizade com os jovens.

Todas as aberturas que arranjavam eram aproveitadas para se reunirem, na esperança de ficarem a conhecer melhor a maneira de pensar e a personalidade de cada um. Trocavam segredos, partilhavam uns com os outros esperanças e medos. E quando o acampamento de verão chegou ao fim, cada um deles teve a impressão de se encontrar no sítio certo, na companhia dos companheiros ideais. Saber que cada um precisava dos outros, e, por seu turno, que esse sentimento era recíproco, gerou entre os cinco uma harmonia única, comparável a uma combinação química produzida *por puro acaso*. Reunindo e preparando com grande cuidado exatamente os mesmos elementos, jamais se voltaria a obter idêntico resultado, isso era certo e sabido.

Após uma primeira fase do voluntariado, passaram a dar assistência aos miúdos durante dois fins de semana por

mês – ajudavam nos estudos e nas leituras, brincavam e praticavam desporto com eles. Além de cortarem a relva do jardim, pintaram o edifício e repararam brinquedos e material didático. Este ritual prolongou-se por dois anos e meio, até os jovens terminarem o liceu.

O único elemento de tensão entre eles resultava, quando muito, do facto de serem três rapazes e duas raparigas. Por exemplo, se dois dos rapazes e duas das raparigas se tivessem juntado e formado dois parzinhos, ficaria um rapaz de fora. Semelhante possibilidade deve ter pairado sobre as suas cabeças como uma pequena e densa nuvem lenticular. Na realidade, porém, essa situação nunca chegou a acontecer, nem houve o menor sinal de que pudesse concretizar-se.

Talvez por coincidência, os cinco provinham de famílias da classe média alta e viviam nos subúrbios. Os seus progenitores pertenciam à geração dos *baby boomers*; os pais tinham uma profissão especializada ou trabalhavam em grandes empresas. No que dizia respeito à educação dos filhos, não se poupavam a despesas. As respetivas famílias, a julgar pelas aparências, funcionavam de uma forma pacífica e estável. Nenhum dos casais se divorciou e quase todas as mães optaram por ficar em casa (que é como quem diz, eram domésticas).

A escola que frequentavam exigia bastante deles, e as suas notas, de um modo geral, eram aceitáveis. No seu conjunto, a vida que levavam apresentava mais semelhanças do que diferenças.

Tirando Tsukuru Tazaki, os outros quatro tinham um pequeno ponto em comum: os seus apelidos incluíam, todos eles, uma cor. Os dois rapazes apresentavam os apelidos

Akamatsu e Oumi; quanto aos nomes de família delas, eram Shirane e Kurono². Só o apelido Tazaki não fazia referência a uma cor em concreto, levando a que o portador daquele nome se sentisse, à partida, um tanto marginalizado. Claro que o facto de o apelido de uma pessoa incluir uma cor não tem nada que ver com a sua personalidade. Tsukuru sabia perfeitamente isso. Contudo, por mais que lhe custasse admitir, ficou seriamente magoado ao descobrir que não partilhava essa particularidade com os amigos. Além do mais, os quatro começaram a chamar-se pelas cores, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Os rapazes passaram a responder pelo nome de Aka (vermelho) e Ao (azul); as raparigas, Shiro (branco) e Kuro (preto). A ele, chamavam-lhe simplesmente Tsukuru. *Quem me dera que o meu apelido fosse uma cor*, pensava muitas vezes. Então, tudo teria sido perfeito.

Aka era o aluno que tinha melhores notas. Parecia não se empenhar nos estudos, o que não o impedia de alcançar sempre excelentes resultados em todas as disciplinas. No entanto, nunca se gabava disso; pelo contrário, mostrava-se discreto e ficava propositadamente para trás, quase como se tivesse vergonha da sua inteligência. Como acontecia frequentemente com as pessoas de baixa estatura (não passou do metro e sessenta), quando apostava numa determinada

² *Aka, Ao, Shiro e Kuro* são a forma reduzida dos adjetivos *akai, aoi, shiroi e kuroi*, que significam, respetivamente, «vermelho», «azul», «branco» e «preto». Vários tradutores de Haruki Murakami optaram por traduzir os nomes ao longo da obra. Foi o caso de Anna Zielinska-Elliott (Polónia), Ika Kaminka (Noruega), Yukiko Duke (Suécia) e James Westerhoven (Holanda), por exemplo. No entanto, não é prática que costumemos seguir entre nós. Pessoalmente, creio que não soa bem em português ter ao longo de um romance personagens com nomes «coloridos». Esta nota basta, aos meus olhos, para que os leitores fiquem atentos. De resto, o tradutor inglês Philip Gabriel manteve os nomes em japonês. A páginas tantas, a própria Eri pede a Tsukuru que deixe de a tratar pelo pseudónimo Kuro. Em japonês, soa quase como nome de cão, muito embora não tenha sido essa a intenção de Murakami (Westerhoven, na interessante polémica alimentada pelo blogue, <http://tazakisukuru.blogspot.pt/>, fala do assunto e conta a história). (*N. da T.*)

coisa, por mais insignificante, nunca dava o braço a torcer. Além disso, ficava fora de si com regras arbitrárias e professores ineptos, que não se mostravam à altura do que lhes era exigido. Sendo competitivo por natureza, perder um jogo de ténis deixava-o de mau humor. Não que levantasse ondas; acontecia-lhe ficar invulgarmente calado, mais nada. Os quatro companheiros achavam uma certa graça à sua irritabilidade e costumavam arreliá-lo. Volta e meia, lá conseguiam arrancar uma gargalhada ao próprio Aka, apanhando-o desprevenido. O pai dele era professor na Faculdade de Economia da Universidade de Nagoia.

Ao jogava como avançado na equipa de rãguebi e, no último ano, foi escolhido para capitão. Como manda o figurino, possuía uma constituição física invejável: ombros largos e peito robusto, testa ampla, boca generosa e um nariz imponente. Dentro de campo, entregava-se ao jogo e andava sempre com o corpo cheio de golpes e nódoas negras. Já no que tocava aos estudos, não se podia dizer que fosse tão regular quanto isso, mas era um sujeito alegre e muito popular junto dos colegas. Encarava as pessoas olhos nos olhos, expressava-se numa voz forte e firme e comia com um apetite devorador tudo o que lhe pusessem à frente. Nunca se esquecia de uma cara nem de um nome e raramente dizia mal de terceiros. Além de saber escutar, tinha qualidades que faziam dele um bom líder. Tsukuru ainda se lembrava da maneira como ele, antes de cada jogo, formava um círculo com os companheiros e procedia à sua preleção.

– Oiçam! – soltava ele. – Vamos ganhar! A única coisa que nos interessa é *como* e *por quanto* vamos ganhar! A derrota não faz parte das nossas opções! Estão a ouvir? *Perder não é uma opção!*

– *Perder não é uma opção!* – berravam os seus parceiros de equipa, dispersando-se pelo terreno de jogo.

Adiante-se desde já que o coletivo não era nada do outro mundo. Ao, esse sim, era dotado para o desporto e um jogador extremamente atlético, mas o nível global da equipa deixava muito a desejar. Basta dizer que sofriam pesadas derrotas sempre que defrontavam as equipas em representação do ensino privado, conhecidas por recrutarem os seus jogadores um pouco por todo o país, oferecendo-lhes em troca bolsas de estudo.

– O que importa é a vontade de ganhar – costumava ele dizer aos amigos. – No mundo real, não podemos ganhar sempre. Umhas vezes ganha-se e outras perde-se.

– E, outras vezes, o jogo é cancelado devido à chuva – acrescentava Kuro, com o seu sarcasmo habitual.

– Estás a confundir o rãguebi com o basebol ou o ténis – corrigia Ao, abanando a cabeça com ar triste. – Os jogos de rãguebi nunca são adiados por causa do mau tempo.

– Quer dizer que jogam mesmo quando chove? – perguntava Shiro, espantada. Sabia pouquíssimo sobre desporto, e não se podia dizer que o assunto lhe interessasse particularmente.

– Claro que sim – respondia Aka, muito sério. – Mesmo que chova a potes, os jogos de rãguebi nunca são interrompidos. É por isso que todos os anos morrem tantos jogadores afogados durante o campeonato.

– Que horror! – exclamava Shiro.

– Não sejas parva! Não vês que ele está a gozar contigo? – atalhava Kuro, vagamente indignada.

– Voltando à vaca-fria – dizia Ao –, o que pretendo afirmar é que um bom atleta tem de saber perder.

– Não há dúvida de que praticas imenso, todos os dias – replicava Kuro.

Alta e elegante, Shiro combinava um corpo de modelo com as bonitas feições de uma boneca tradicional japonesa. Tinha o cabelo preto comprido, de um tom asa de corvo, brilhante e sedoso. Ao cruzarem-se com ela na rua, era vulgar as pessoas virarem a cabeça em sinal apreciativo, mas Shiro dava a impressão de se sentir desconfortável com a sua própria beleza. Era uma rapariga séria e formal, que não gostava de chamar as atenções. Tocava piano com grande desenvoltura, embora não costumasse exibir os seus dotes diante de desconhecidos. Em compensação, parecia genuinamente feliz sempre que tinha a oportunidade de ensinar as crianças a tocar esse instrumento no centro educativo, a seguir às aulas. Tsukuru não se lembrava de ter visto Shiro tão alegre e descontraída como nessas ocasiões. Dizia ela que alguns dos miúdos podiam não ter nascido para estudar, mas possuíam uma aptidão natural para a música e era uma pena desaproveitar esse talento. Na escola havia apenas um velho piano vertical, verdadeira peça de museu. Por isso, os cinco juntaram-se e organizaram uma coleta com vista a comprar um novo piano. Durante as férias de verão, arranjaram emprego e, além disso, convenceram um fabricante de instrumentos musicais a fazer-lhes um abatimento. O esforço árduo foi recompensado. Na primavera do ano seguinte – o último do secundário³ –, conseguiram por fim arrecadar o suficiente para comprar o dito piano. A campanha despertou as atenções generalizadas e chegou até a ser noticiada na imprensa.

Regra geral, Shiro era uma rapariga calma e comedida, mas quando o assunto da conversa metia cães e gatos, a sua

³ No Japão, o ensino consiste em seis anos de ensino básico e três de ensino secundário médio (estes nove são obrigatórios, dos seis aos quinze anos), e outros três do segundo ciclo do secundário superior, seguindo-se a universidade. (*N. da T.*)

fisionomia modificava-se radicalmente e o discurso tornava-se torrencial, pois os animais constituíam a paixão da sua vida. Sonhava vir a ser veterinária, embora Tsukuru não a imaginasse a rasgar o ventre de um *labrador retriever*, de bisturi afiado na mão, nem a enfiar o punho no reto de um cavalo. Ora, se ela se matriculasse em veterinária, seria precisamente esse tipo de coisas que teria de fazer. O pai de Shiro estava à frente de uma clínica de obstetrícia e ginecologia, em Nagoia.

Acerca de Kuro, não se podia dizer que fosse especialmente interessante, mas tinha simpatia para dar e vender e era muito expressiva. Bastante alta e de ossos largos, já aos dezasseis anos tinha um peito muito desenvolvido para a idade. Possuía um vincado sentimento de independência, uma forte personalidade e uma língua tão afiada como o pensamento. Destacava-se nas cadeiras de humanidades, ao passo que a matemática e a física eram o seu calcanhar de Aquiles. Estava fora de questão que alguma vez conseguisse ajudar o pai na firma de contabilidade que este geria em Nagoia. Tsukuru ajudava-a muitas vezes a fazer os trabalhos de matemática. Podia mostrar-se assaz sarcástica, mas, ao mesmo tempo, destacava-se pelo seu sentido de humor peculiar, e falar com ela não só era divertido como estimulante. Devorava livros, convém acrescentar, e andava sempre com um volume debaixo do braço.

Shiro e Kuro faziam parte da mesma turma desde o básico, por isso conheciam-se bem ainda antes de o grupo se formar. Vê-las juntas constituía um espetáculo único! A introvertida tímida, dotada de grande talento para a música, e a extrovertida irónica e perspicaz. Um duo com o seu quê de improvável e fascinante.

Tsukuru era o único do bando que não se destacava em nada. As suas notas andavam sempre um pouco acima da

média. Estudar não o interessava por aí além, o que não o impedia de prestar atenção durante as aulas e de preparar minimamente as lições para o dia seguinte. Habituar-se a isso desde pequeno; para ele era a mesma coisa que lavar as mãos antes das refeições e escovar os dentes logo a seguir. Como tal, costumava passar a todas as disciplinas sem grande dificuldade, mesmo que as suas notas não fossem muito altas. Desde que não desse problemas, os pais também não o aborreciam com as notas, e nunca o obrigaram a frequentar um centro de explicações para se preparar para os exames de acesso à universidade nem a ter aulas com um professor particular.

Apesar de nada o mover contra o desporto propriamente dito, não era grande praticante. Jogava ténis com os amigos ou com alguém da família, fazia esqui, ia nadar de vez em quando, e ficava-se por aí. Era bem-parecido, como, de resto, as pessoas faziam questão de frisar, mas, no fundo, o que pretendiam dizer com isso era que ele não tinha «nenhum defeito que se visse». Por vezes, quando se olhava ao espelho, sentia um tédio insuportável. No capítulo das artes, a cena repetia-se: não lhe despertavam nenhum interesse especial, nem tinha nenhum passatempo nem qualquer talento digno de nota. Quando muito, podia dizer-se que era um jovem um tanto taciturno, que corava por tudo e por nada, não muito sociável e que ficava pouco à vontade na presença de pessoas que conhecia mal.

Se tinha alguma peculiaridade, era o facto de a sua família ser a mais próspera das cinco; a par disso, a tia materna era uma atriz da velha guarda – de segundo plano, é certo, mas ainda assim razoavelmente conhecida. Voltando ao nosso Tsukuru, não possuía uma única qualidade de que sentisse orgulhoso ou que gostasse de exhibir em público. Pelo menos, era assim que se via a si próprio. Tudo nele

era comedido. Se fosse preciso defini-lo, «sem cor» seria uma boa expressão.

A única coisa que lhe interessava, e que de alguma maneira talvez pudesse ser comparada com a sua ocupação de tempos livres, eram as estações de comboios. Desde que se lembrava, embora não soubesse explicar porquê, sempre se sentira fascinado por isso. Tanto podiam ser as enormes estações por onde circulavam os comboios-bala como as pequenas estações rurais, de uma só via, ou aquelas estações descomunais, inteiramente destinadas a cargas e descargas de mercadorias; tanto fazia: tudo o que estivesse relacionado com estações de comboio o fascinava.

Tal como acontecia com a maior parte dos miúdos, gostava de maquetas de comboios, mas o que o fascinava realmente não eram as locomotivas sofisticadas nem os vagões, os carris construídos com grande pormenor, nem sequer os diversos e complexos dioramas, mas unicamente os modelos de estações, banais e iguais a tantas outras. Gostava de ver como os comboios elétricos passavam pela estação, como iam abrandando a marcha até que se imobilizavam por completo diante da plataforma. Imaginava as idas e vindas dos passageiros, parecia-lhe ouvir os anúncios transmitidos pelos altifalantes e o sinal de partida quando chegava a hora, a intensa azáfama dos empregados da estação. Na sua cabeça misturavam-se realidade e ficção, a tal ponto que a emoção provocava nele um frémito. Porém, era incapaz de explicar às pessoas porque o atraíam tanto as estações de comboio. Mesmo que conseguisse, sabia que isso só serviria para o catalogarem como um bicho raro. E, verdade seja dita, em certas alturas o próprio Tsukuru achava que se passava algo de errado com a sua pessoa.

Apesar de não ser dono de uma personalidade vincada, de não possuir atributos que o fizessem sobressair e de tender

para uma situação de compromisso, optando sempre por ficar a meio caminho, havia – ou, melhor dizendo, *parecia haver* – algo nele que não era cem por cento normal, qualquer coisa que o distingua dos que o rodeavam. Esta contradição na sua identidade, que vinha desde pequeno, teimava em confundir-lo e continuava a desconcertá-lo, prolongando-se este estado de coisas até ao presente, quando já contava trinta e seis anos. Havia momentos em que a confusão era esporádica; outros, revelava contornos profundos e penetrantes.

Por vezes, Tsukuru perguntava a si próprio o que teria levado os amigos a aceitarem-no no grupo. Será que os outros *precisavam* realmente dele? Não ficariam melhor sem a sua presença? *Se calhar*, dizia com os seus botões, *ainda não se deram conta disso; talvez seja apenas uma questão de tempo...* Quanto mais pensava, menos compreendia. Tentar perceber o valor que tinha aos olhos do grupo era como pesar uma substância sem dispor de qualquer unidade de medida. Na ausência de um ponto fixo, a agulha não consegue estabilizar e indicar um número.

Ao resto dos membros do grupo, porém, nada disso parecia ter importância. Tanto quanto lhe era dado a ver, mostravam-se felicíssimos da vida sempre que se reuniam para fazer programas em conjunto. Para que tudo batesse certo, o grupo tinha de contar exatamente com cinco pessoas, da mesma forma que um pentágono regular é formado por cinco lados com a mesma medida. Nem mais, nem menos. A expressão dos seus rostos refletia isso na perfeição.

Pela parte que lhe tocava, e como seria de esperar, Tsukuru sentia-se feliz e orgulhoso por saber que constituía um lado indispensável desse pentágono. Adorava os seus

quatro amigos e, mais do que tudo, apreciava o sentimento de pertença. Como uma árvore jovem absorve os nutrientes do solo, também o jovem Tsukuru recebia do grupo o alimento de que necessitava enquanto adolescente em fase de crescimento, conservando o que sobrava no seu corpo como fonte de energia para quando viesse a precisar. Isso não impedia que, no fundo, vivesse dominado pelo medo de algum dia ser afastado daquela comunidade fraterna, ou de ser rejeitado e achar-se sozinho. Como uma rocha escura e funesta deixada a descoberto pela maré ao descer, o medo de ficar afastado do grupo afligia-o grandemente.

– Com que então, já desde miúdo que tinhas uma fixação por estações de comboios? – perguntou Sara Kimoto, parecendo genuinamente espantada.

Tsukuru concordou com a cabeça, prudente. Não queria que a jovem pensasse que ele era um daqueles *otaku*⁴, que costumava encontrar na Faculdade de Engenharia e no emprego, embrenhados no trabalho como se o mundo se resumisse a isso. Pelo rumo que a conversa levava, parecia-lhe que existia o risco de isso acontecer.

– Exato. Desde criança que sempre gostei de estações – reconheceu Tsukuru.

– É caso para dizer que tens sido uma pessoa muito coerente – observou ela. Via-se que estava divertida, mas ele não detetou nenhum tom depreciativo nas suas palavras.

– Não me perguntes porque é que acontece, concretamente, com estações de comboio. Isso já não te sei explicar.

⁴ Expressão japonesa que serve para designar de forma pejorativa as pessoas obcecadas com determinadas atividades intelectuais, não participando por isso em atividades físicas e refugiando-se no isolamento. Uma espécie de *nerd*, cromo ou totó. (N. da T.)

Sara sorriu.

– Deve ser uma vocação que tu tens.

– Se calhar – respondeu ele.

Por que carga-d'água acabámos a falar do assunto, perguntou-se Tsukuru. Tudo *aquilo* acontecera há uma eternidade, e preferia apagar a história da sua memória. Mas Sara, por qualquer motivo, insistia em fazer perguntas sobre os tempos do liceu. Que tipo de aluno era? A que atividades se dedicava? Antes que desse por isso, a conversa desviou-se para os cinco da vida airada. Os quatro amigos com várias cores e Tsukuru Tazaki, o rapaz sem cor.

Encontravam-se os dois num barzinho nas imediações do bairro de Ebisu, em Tóquio. Tinham marcado mesa para jantar num pequeno restaurante tipicamente japonês, que Sara conhecia, mas ela almoçara tarde e estava sem fome, por isso cancelaram a reserva e acabaram por ir tomar um copo. Tsukuru, que estava sem grande apetite, não levantou objeções. Por regra, nunca tinha muita fome. Petiscar umas bolachinhas e frutos secos num bar qualquer servia-lhe perfeitamente.

Sara era dois anos mais velha do que ele e trabalhava numa importante agência de viagens. Dedicava-se a organizar pacotes de excursões ao estrangeiro, o que a obrigava a viajar frequentemente pelo mundo fora. Quanto a Tsukuru, fiel ao «chamamento», trabalhava na secção de desenho e manutenção de uma empresa ferroviária que cobria a área ocidental da região de Kantō, incluindo Tóquio. (Era a sua «vocação», como ele tinha dito a Sara.) Embora não houvesse uma relação direta entre os respetivos empregos, o trabalho de ambos estava relacionado com a indústria dos transportes. Houve alguém que os apresentou na festa de inauguração da casa de um dos chefes de Tsukuru, trocaram

os endereços de correio eletrônico, e aquela era a quarta vez que se encontravam. No final do terceiro encontro, depois de terem jantado fora, fizeram amor em casa dele. Até aí, tudo parecia seguir a ordem natural das coisas. Uma semana mais tarde, encontravam-se numa fase delicada. Caso continuassem a ver-se, a relação tornar-se-ia mais séria. Tsukuru tinha trinta e seis anos; Sara, trinta e oito. Como se depreende, não estamos propriamente a falar de uma paixoneta de adolescentes.

Assim que se conheceram, o rosto de Sara causou em Tsukuru uma forte impressão. Não se podia dizer que fosse especialmente bonita, pelo menos no sentido convencional do termo. As maçãs do rosto salientes conferiam-lhe um ar obstinado, e tinha o nariz fino e um nadinha aquilino; ao mesmo tempo, porém, desprendia-se desses traços uma vitalidade indefinível, que atraiu a sua atenção. Os olhos eram vulgares e estreitos, mas abriam-se de repente quando alguma coisa lhe despertava o interesse, revelando pupilas negras, brilhantes de curiosidade.

Apesar de Tsukuru nem sempre estar consciente disso, havia no seu corpo uma parte extraordinariamente sensível, situada num determinado ponto das costas. Tratava-se de uma pequena zona suave e discreta, que ele não alcançava com a mão e que normalmente estava coberta pela roupa, invisível a olho nu. Nos momentos mais inesperados, essa zona tornava-se de repente ativa quando pressionada com as pontas dos dedos. Nesse instante, algo lá dentro entrava em funcionamento, segregando uma substância especial, que, transportada pela corrente sanguínea, chegava a todas as partes do corpo, estimulando-o tanto física como mentalmente.

A sensação que teve, na primeira vez que se encontrou com Sara, foi de que havia um enorme dedo invisível a fazer

pressão precisamente naquela espécie de interruptor que existia nas suas costas. Apesar de nesse dia terem ficado à conversa durante um grande bocado, não se recordava de quase nada do que fora dito. A única coisa de que se lembrava era daquele efeito nas costas e do vibrante estímulo físico e mental que lhe provocara, impossível de traduzir por palavras. Uma parte de si próprio distendia-se, enquanto outra se contraía. Esse tipo de sensação. Que raio significava aquilo? Tsukuru deu voltas à cabeça durante dias a fio, mas não era, por natureza, adepto do pensamento abstrato. Mais tarde enviou-lhe um *e-mail* e convidou-a para jantar. Estava apostado em descobrir qual o significado daquela sensação, daquele estímulo.

Para além de apreciar o aspeto de Sara, gostava da forma como ela se vestia. Usava roupas simples e práticas, que nem por isso deixavam de ter um toque de classe, assentando-lhe na perfeição. Tsukuru podia facilmente ser levado a pensar que ela devia ter demorado uma eternidade a escolher a roupa que trazia vestida, e que nada daquilo custava assim tão pouco. Os acessórios e a maquilhagem a combinar com a fatiota eram elegantes e discretos. Embora Tsukuru não ligasse muito à sua própria indumentária, sempre gostara de ver uma mulher bem apresentada. Aos olhos dele, era o mesmo que apreciar uma bonita melodia.

Em pequeno, as duas irmãs mais velhas prestavam imensa atenção às roupas e, antes de irem ter com algum rapaz, nunca saíam de casa sem pedir a opinião dele sobre o modo como estavam vestidas. Por que razão o assunto se revestia daquela importância toda para elas, não fazia a mínima ideia. «O que é que achas?», perguntavam-lhe.

«Combina bem?» E Tsukuru, na qualidade de representante do sexo masculino, lá dava uma opinião honesta. As irmãs tinham em conta o seu parecer, e ele ficava contente por isso. Com o tempo, acabou por se tornar um hábito.

Enquanto dava pequenos goles no seu *highball*, em silêncio, Tsukuru entregou-se mentalmente à tarefa de despir Sara, libertando-a do vestido. Imaginou o gesto de abrir os colchetes, de puxar devagarinho o fecho de correr. Só tinha ido para a cama com ela uma vez, mas o sexo fora bom, e a experiência satisfatória. Tanto vestida como despida, ela parecia cinco anos mais nova. Tinha a pele muito branca, uns seios maravilhosos – nem demasiado pequenos, nem demasiado grandes – e muito bem feitos. Acariciar aquela pele demoradamente, durante os preliminares, tinha sido inesquecível e, depois de se vir, experimentara uma grande paz ao estreitá-la nos seus braços. Mas, como é evidente, a coisa não ficava por ali. Tsukuru estava ciente disso. Fazer amor implicava comprometimento, era uma forma de estabelecer laços entre duas pessoas. Para receber é preciso dar.

– Que tal foram os tempos de liceu? – perguntou Tsukuru Tazaki.

Sara abanou a cabeça.

– Não quero falar disso. Para ser sincera, foram tempos bastante aborrecidos. Essa conversa fica para outro dia, pode ser? Hoje quero que me fales de ti. O que aconteceu ao vosso grupo?

Tsukuru levou um punhado de frutos secos à boca.

– Havia entre nós uma série de acordos tácitos. Um deles consistia em fazermos *tudo juntos*, os cinco, na medida do possível. Por exemplo, evitávamos fazer coisas aos pares.

De outro modo, corríamos o risco de o grupo acabar por se separar. Tínhamos a preocupação de estabelecer uma unidade centrípeta. Vamos lá ver se consigo explicar... Procurávamos preservar a nossa bela união, sem perturbações, e mantê-la o mais harmoniosa possível.

– Uma bela união, sem perturbações? – As palavras de Sara deixavam transparecer genuína surpresa.

Tsukuru sorriu ao de leve.

– Andávamos no secundário, o que equivale a dizer que tínhamos todo o tipo de ideias peregrinas e bizarras.

Sara olhou fixamente para ele e inclinou a cabeça um centímetro ou dois.

– Não acho isso estranho. Mas qual era o propósito dessa comunidade?

– No princípio, como te contei, queríamos ajudar no tal centro para jovens desinteressados e com problemas de aprendizagem. Foi esse o ponto de partida e, como seria de esperar, manteve-se sempre um objetivo muito importante. Porém, à medida que o tempo foi passando, o próprio grupo tornou-se um dos nossos objetivos.

– Queres com isso dizer que organizar o grupo, e mantê-lo a funcionar, passou a ser um objetivo em si mesmo.

– Creio que é isso.

Sara semicerrou os olhos até estes formarem uma linha estreita.

– Tal como o Universo.

– Se era igual ao Universo, não sei – replicou Tsukuru –, mas, nessa época, era muito importante conservar aquela química especial que se desenvolveu entre nós quando estávamos todos juntos. Como acontece quando tentamos evitar que o vento apague um fósforo aceso.

– Química, dizes tu?